



Associação Propagadora Esdeva  
Centro Universitário Academia - UniAcademia  
Curso de Arquitetura e Urbanismo  
Artigo

---

## **SARANDIRANDO**

As possibilidades da busca pela identidade, memória e pertencimento no Distrito de Sarandira – MG”

*Amanda Dias da Cruz, Mariana Lanzoni Alvim, Isabella Venture Gibaile Soares, Nadine Dutra Vieira, Bárbara Freitas dos Reis*<sup>1</sup>

*Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG*

*Pablo Corrêa Lima, Milena Mourão Fonseca de Castro, Catharina de Oliveira Souza*<sup>2</sup>

*Milena Andreola de Souza*<sup>3</sup>

*Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG*

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo relatar o processo de pesquisa e coleta de dados para a elaboração do Inventário Afetivo no Distrito de Sarandira – MG, pertencente ao Município de Juiz de Fora. O Inventário Afetivo parte da observação e documentação de tudo aquilo que a comunidade identifica como importante para sua cultura, identidade e pertencimento, buscando registrar através de atividades diversas as vivências observadas ali. Para isso, o pesquisador precisa ir a campo utilizar ferramentas como a escuta e a observação, buscando as informações iniciais a partir da memória e da história oral. Para desenvolver tal trabalho foi formado um grupo de extensão por docentes e egressos do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia que, desde 2020, desenvolvem o Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG”. O principal enfoque do trabalho em 2024 foi a aproximação dos moradores e participação de eventos na comunidade, assim como o registro destes momentos. Os resultados apresentados nesta etapa encaminham para conclusões importantes sobre as relações identitárias e de pertencimento da comunidade com o seu lugar e a constante atualização das memórias.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Pertencimento. Inventário afetivo. História Oral

---

<sup>1</sup> Graduandos em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Academia – Uniacademia

<sup>2</sup> Graduados em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Academia – Uniacademia

<sup>3</sup> Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PROARQ/UFRJ), Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFJF), professora do Curso de Centro Universitário Academia, líder do grupo de extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG” (UniAcademia). mila.andreola@uniacademia.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é formada pela distrito-sede e outros oito distritos: Torreões, Humaitá de Minas, Monte Verde de Minas, Rosário de Minas, Penido, Valadares, Sarandira, Caetés de Minas. Estes se compõem como pequenas localidades de área e população variável que se mantêm ligadas ao distrito-sede economicamente e socialmente, apesar de serem pouco conhecidos e visitados pela maior parte da população juizforana.

Cada um destes distritos é um universo em si, mas dentre eles, o mais distante geograficamente, Sarandira, possui uma rica história e apresenta características peculiares que o tornaram alvo desta pesquisa. Sarandira possui cerca de 75 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 250 pessoas, em sua maioria trabalhadores rurais ou já aposentados, justificando o movimento lento e bucólico do local.

Porém, o distrito rural chama a atenção por alguns fatores: formado pouco antes de Juiz de Fora, Sarandy conta uma história rica fundamentada nas plantações de café de alta produtividade, conforme FOSCARINI NETO (2005, p. 59) destaca em sua dissertação. Segundo o autor, em 1915 na localidade viviam cerca de 200 habitantes, mas na zona rural, contando com a região de Caeté, somavam-se cerca de 6500 habitantes, mostrando a força da lavoura na região. Isso fomentou o distrito a constituir um importante núcleo religioso dedicado à Nossa Senhora do Livramento, igreja que está atualmente tombada municipalmente, além de “escola, farmácia, armazém, açougue, padaria, barbearia, alfaiataria, ferraria, funilaria, correios, etc” (ESTEVES, 1915 *apud* FOSCARINI NETO, 2005, p. 60). Além disso, havia um conjunto de casarões que hoje é representado por um único exemplar remanescente da época.

O fato de estar situado em região montanhosa fez com que Sarandira se mantivesse ainda mais distante de Juiz de Fora, afinal, era afastada demais para receber os trilhos da ferrovia que chegou à região no último quartel do século XIX, tornando-se um povoado sem grandes perspectivas, distante do apogeu do café.

Com isso, o distrito passou por um movimento de contração econômica gerando um a diminuição de sua população. Segundo PINTO (2022):

A partir do Censo de 1920, muitas alterações no território de Juiz de Fora impactaram drasticamente no contingente demográfico. Além disso, o café entrara em declínio com a crise econômica de 1929, fazendo com que os distritos experimentassem um período de expulsão populacional e apenas o distrito sede se manteve com elevação

demográfica, uma vez que possuía características urbanizadas e o processo de industrialização manteve ofertas de trabalho. (PINTO, 2022, p. 37)

Ainda assim, como é possível observar no mapa da figura 1, que faz parte do “Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes”, de 1927, Sarandira ainda era apontado como um dos distritos principais da região, dada a hierarquia da classificação de cada localidade, ligado a Juiz de Fora por estrada carroçável e linha telefônica e telegráfica, mas não por linha férrea (demarcada em vermelho).

**Figura 1:** Município de Juiz de Fora em 1927.



**Fonte:** <https://www.albumchorographico1927.com.br/indice-1927/juiz-de-fora> acessado em 20/11/2023.

Atualmente, Sarandira tem se destacado também por um movimento cultural, que surgiu a partir da implantação no local do projeto Sarandira Criativa, criado e desenvolvido pela Associação Carabina Cultural, de Belo Horizonte, em 2014. O projeto tem sede no distrito e desenvolve atividades que visam valorizar vários aspectos da cultura local a partir de instalações artísticas e ações de apoio ao turismo

cultural e à economia criativa, alinhados à contemporaneidade, que interagem com o cotidiano do lugar, como será mostrado mais à frente.

A partir destes fatores e visando compreender os aspectos memoriais, culturais e sociais do lugar, o Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG” foi criado no âmbito do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia, iniciando suas atividades em 2020, em plena pandemia, com a expectativa de que ela fosse controlada logo. Nos dois primeiros anos buscou-se compreender todo arcabouço teórico e metodologias para aplicar *in loco*, o que se mostrou viável apenas a partir de 2022. No entanto, conforme será apresentado a seguir, compreendeu-se que as metodologias para o trabalho do Inventário Afetivo são variadas e dependem da cultura do lugar, o que tem gerado uma construção contínua ao longo do tempo a partir das observações e relações estabelecidas com os moradores e o lugar.

Assim, o presente artigo tem por objetivo relatar o processo de pesquisa e coleta de dados para a elaboração do Inventário Afetivo no Distrito de Sarandira – MG. O Inventário Afetivo neste tempo e lugar, parte da observação e documentação de tudo aquilo que a comunidade identifica como importante para sua cultura, identidade e pertencimento, sendo registrados os resultados através de atividades diversas a partir das vivências observadas ali.

Assim, visa também demonstrar a importância da memória – seja no seu âmbito individual ou coletivo – para o conhecimento acerca da identidade desta comunidade e o estabelecimento laços que definam as relações de pertencimento das pessoas com os seus locais de vivência. Afinal, o impacto das mudanças históricas e econômicas influenciou a relação dos moradores de Sarandira com seu lugar de memória. Ainda hoje há uma percepção contrastante do declínio da localidade em contraponto ao sentimento de orgulho pelo seu rico passado reforçado pelas memórias dos habitantes. O esvaziamento do território abala constante quem ficou ali. Mas as novas ocupações têm feito uma grande diferença nessa percepção da importância do lugar.

Com a finalidade de mapear afetivamente o lugar, foi estabelecida uma metodologia construída junto às experiências dos pesquisadores com a população. Com base nos conceitos de identidade, memória e pertencimento, foram determinadas quatro etapas: aproximação e sensibilização dos moradores, observação e escuta, atividades de reconhecimento da área e da comunidade e, por fim, coleta de dados e

documentação. Este artigo apresenta as principais experiências coletadas nas três primeiras etapas a partir da apresentação de três atividades realizadas: Caixa de Memórias, Fotografias de Família e Varal de Memórias.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Sobre Memória e Identidade**

Os conceitos de memória e identidade são dois dos mais importantes elementos para o reconhecimento do indivíduo, uma vez que se apresenta na própria constituição do ser em comunidade, ainda que muito do que foi a sua história tenha se perdido. Ao se buscar um mapeamento, um inventário das relações de identidade e pertencimento a um lugar, em especial se ele se modificou bruscamente, compreender as ausências e constâncias no lugar é essencial para se compreender o que, ali, é identidade. E para POLLAK (1989), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. Resta entender como ela se rebate em lugares, uma vez que NORA (1993) nos informa que “a memória emerge de um grupo que ela une, (...) que há tantas memórias quantos grupos existem;” e mais, que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.”

Dentro desse contexto, Sarandira e seus moradores se reforçam na vivência do dia a dia, mas também nas lembranças do passado, enraizadas nas pedras das ruas e nos tijolos das casas, sejam eles de qual época forem.

Um dos pontos que a história do distrito revela como contribuição, é que o isolamento causado pela distância, pelo relevo acidentado e pela ausência da ferrovia, que levou para longe o progresso, intensificou os laços existentes com o lugar, dotando-o de características urbanísticas próprias, diferentes de outros distritos de Juiz de Fora, que de certa maneira, homogeneizaram-se a partir do distrito-sede. Essas diferenças constituem-se como identidade e valor memorial.

**Figura 2.** Imagem de Sarandira em 1900



**Fonte:** Carabina Cultural. Sarandira Criativa, sem data.

Segundo Nora (1993),

a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.

**Figura 3.** Sarandira vista a partir de voo de drone.



**Fonte:** David Lemos, 2024.

Em seu livro “Pertencimento: uma cultura do lugar”, bell hooks narra suas memórias ao seu retornar para seu estado natal, o Kentucky. Como em Sarandira, a geografia do lugar, predominantemente rural e cercado por montanhas, interfere na formação da autora, que relata que

Se alguém decide viver de maneira consciente, escolher o lugar onde vai morrer é tão importante quanto escolher onde e como viver.

[...]

Foi nas colinas do Kentucky que minha vida começou. Elas representam o lugar de expectativas e possibilidades, bem como o cenário de todos os meus medos, dos monstros que me perseguem e assombram o meu sono. Ao percorrer livremente as colinas do Kentucky durante a infância, fugindo de cobras e de todos os perigos exteriores proibidos, tanto reais quanto imaginários, aprendi a estar segura com o conhecimento de que enfrentar o que temo e superá-lo me manterá protegida. (p. 29)

Assim percebe-se que os valores pautados na memória e na identidade, se tornam importantes para a manutenção dos entrelaçamentos afetivos no lugar, caracterizando e justificando as ações e reações que percebemos em campo ao visitar Sarandira.

## 2.2 Inventário Afetivo – definições gerais

O entendimento do que é Inventário, como instrumento de preservação que visa identificar as diversas manifestações culturais e bens de interesse de preservação, é complementada aqui pela definição descrita no Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional): “como modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de informações obedecendo a determinado padrão e repertório de dados passíveis de análises e classificações (...)”.

Existem tipos de inventário diferentes, como o Inventário Participativo, onde a população participa ativamente do processo de coleta de dados e o Inventário Afetivo que, ao contrário dos métodos científicos definidos anteriormente, parte da observação e documentação de tudo aquilo que a comunidade, livremente, identifica como importante para sua formação, identidade e reconhecimento e que, exatamente por isso, busca recriar através da história oral e diversas outras formas de expressão. A metodologia do Inventário Afetivo baseia-se no conceito de afeto que tem sua origem na palavra latina *affectus*, que significa disposição e *sua* raiz vem de *afficere*, que corresponde a afetar e significa fazer algo a alguém, influir sobre. Ou seja, o

conceito de afeto está diretamente ligado à palavra afetar, e é isso o que diferencia este inventário de outros tipos de levantamento cultural. Assim, o inventário afetivo é subjetivo e conta com a participação ativa e da expressão da comunidade não só sobre a materialidade do lugar, mas principalmente sobre suas vivências.

No Inventário Afetivo, o objetivo principal é a própria construção das memórias conjuntas da comunidade e sua documentação pela própria comunidade. O pesquisador, atua apenas suscitando, provocando e, muitas vezes envolvendo-se nestas memórias.

Assim, torna-se fundamental que o pesquisador vá a campo e utilize como principal ferramenta a escuta, buscando as informações iniciais a partir da memória e da história oral. Por isso, tais conceitos precisam ser definidos e conhecidos para serem aplicados em campo.

### **3 METODOLOGIA**

O Inventário Afetivo, enquanto ferramenta de conhecimento, institui-se também uma referência para as ações de preservação do Patrimônio Cultural, em especial de locais que correm risco de não mais existirem ou que passaram por processos extenuantes ao longo de sua história. Como trabalha diretamente com os conceitos de memória e identidade de tais lugares, percebe-se a influência massiva da comunidade na manutenção de hábitos e costumes. Sua metodologia é ainda muito recente e encontra-se em construção, sendo desenvolvida a partir de áreas de conhecimento diversas das Ciências Sociais, como a geografia, antropologia, arquitetura e urbanismo, por exemplo.

A princípio, os primeiros contatos da equipe do Projeto de Extensão com Sarandira foram feitos através da observação passiva e do ato de percorrer a localidade, valorizando-se a fruição do caminhar (CARERI, 2013) e as percepções individuais dos membros da equipe. A partir daí, iniciou-se uma coleta de dados físicos no local.

A partir do que for observado em campo são discutidas e elaboradas estratégias de aproximação da comunidade através da elaboração de atividades e ferramentas que possibilitem o conhecimento da comunidade e de suas histórias locais e das percepções dos moradores.

A terceira fase se destaca pelo contato direto não só com o distrito, mas com a comunidade. Através da realização das atividades elaboradas na fase anterior, é possível compreender os aspectos afetivos e memoriais da comunidade com o lugar. Dentre tais atividades elaboradas, três foram desenvolvidas a partir das definições do grupo e serão relatadas no item seguinte: Caixa de Memórias, Fotografias de Família e Varal de Memórias.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ideia de fazer e manter contato com os moradores passou por diferentes momentos e modelos de exploração. Assim, a primeira atividade realizada foi feita à distância no ano de 2022, ainda sob o impacto da pandemia.

O contato virtual com a população não foi possível pois, apesar de acessarem a internet pelos celulares, a comunidade de Sarandira não é, de forma geral, adepta às estas formas de comunicação. Por serem, em sua maioria, adultos aposentados ligados diretamente ao contexto rural, que vivenciam o cotidiano de uma localidade de interior, percebeu-se que a melhor forma de aproximação seria através de formas mais tradicionais. Já havia uma iniciativa de se fazer contatos a partir de cartas, mas como fazer isso sem conhecer os moradores previamente?

Impulsionado pelas dificuldades, o grupo criou uma “Caixa de Memórias” enviada aos moradores, com uma “Carta de Apresentação” do projeto e objetos de memória, cartas e fotografias dos pesquisadores, todos de cunho pessoal, apresentando-se à comunidade.

A ideia baseou-se nas teorias desenvolvidas por Ecléa Bosi (2003), que nos revela que a memória de um indivíduo se materializa a partir da sua vivência cotidiana. A partir desse ponto de vista, ela apresenta os conceitos de “objetos de status” e “objetos biográficos”, que representam a imagem que queremos mostrar ao mundo e aquela mais representativa da nossa identidade, formada por nossas memórias. São os objetos biográficos que, segundo a autora, envelhecem com as pessoas e se incorporam à sua vida.

Mais que uma sensação estética ou de utilidade, os objetos de memória nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal.

Com a “Caixa de Memórias”, as cartas, fotografias e objetos de memória, permitem identificar seus antigos donos, mostrando, de certa maneira, sua visão particular e individual sobre o mundo.

Mais do que apresentar os pesquisadores à comunidade num período de contingência, a Caixa teve como objetivo inserir a metodologia do Inventário Afetivo de forma experimental na comunidade, na medida em que foi criada a partir dos pressupostos teóricos e da metodologia a ser aplicada presencialmente.

A Caixa de Memórias foi entregue à comunidade com a proposta de que fosse passada de casa em casa sem nenhuma regra. Não havia um tempo limite para sua exploração, nem a necessidade de devolução da mesma.

**Figura 4** – A Caixa de Memórias montada com os objetos, fotos e cartas enviados.



**Fonte:** acervo do projeto

Com as visitas ao Distrito, foi possível conhecer os espaços a partir de conversas com os moradores, da escuta democrática, a princípio sem anotações ou gravações, mas sempre estimulando a memória sobre o lugar e seu cotidiano. Foi perceptível como a Caixa aproximou os moradores dos pesquisadores e tornou o caminho mais afetivo. Ela ainda se encontra em Sarandira e não se pretende que ela seja devolvida.

A segunda atividade que permitiu uma aproximação e entendimento sobre as memórias dos moradores com o lugar foi a atividade “Fotografias de Família”, onde pedia-se que os moradores mostrassem imagens suas no distrito através de fotografias antigas. Tal atividade suscitou uma série de histórias pessoais, que foram guiando os pesquisadores a compreender um pouco melhor o passado de Sarandira e seus principais lugares de memória.

A análise das fotografias revelou como, no passado, as relações entre os moradores de Sarandira eram mais próximas, com um convívio intenso marcado por festas, encontros nos bares e outros momentos de socialização. Com o passar dos anos, esse movimento foi gradualmente se perdendo, refletindo tanto as transformações da

sociedade atual quanto o impacto da evasão de grande parte da população local, resultando em um aumento da individualidade e enfraquecimento dos laços comunitários.

Mas no conjunto de fotografias percebeu-se a importância da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, bem tombado pelo município de Juiz de Fora, que se figura em boa parte das fotografias e das histórias contadas.

Por último, com o intuito de participar de um evento organizado pela Associação Carabina Cultural no distrito, como parte do projeto “Sarandira Criativa”. O evento foi o “Sarancine 2024”, um festival de cinema que contou com exibição de filmes, workshops, mesas de debates, barraquinhas, música e dança. A participação foi importante para a percepção sobre como os agentes externos são recebidos e influenciam no cotidiano do Distrito.

A atividade preparada o festival a oficina “Varal de Memórias”, que teve como objetivos situar o indivíduo no tempo e espaço e identificar os lugares de memória do distrito. A atividade realizou-se em dois dias, sendo feita no primeiro dia uma conversa sobre memória, identidade e afetividade, estimulando os participantes a refletir sobre as histórias vividas para identificação dos lugares de memória das pessoas em Sarandira. Seguindo essa parte inicial, as pessoas foram orientadas a tirar fotos do distrito utilizando os seus celulares e os da equipe, que se dividiu para dar apoio aos participantes. As fotos foram enviadas para um WhatsApp da equipe e impressas em casa em papel *couche*. No segundo dia, o grupo preparou uma exposição em um varal de memórias na entrada do evento, e disponibilizou materiais para que as pessoas que passassem por ali pudessem intervir nas fotos com desenho, adesivos e bilhetes.

**Figuras 5 e 6** – Introdução e explicação da atividade e acompanhamento dos participantes.



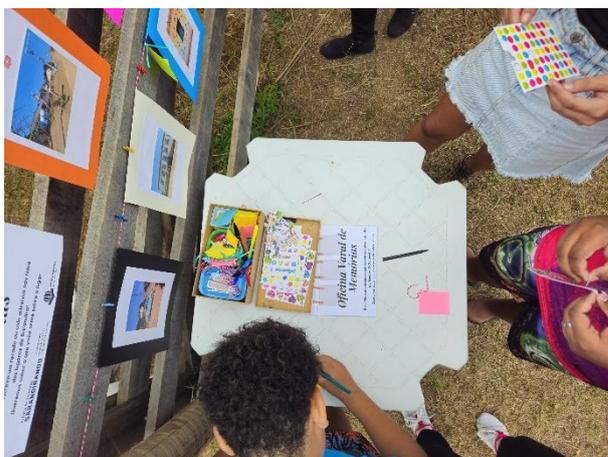
**Fonte:** acervo do projeto

**Imagem 7** – Varal montado.



**Fonte:** acervo do projeto

**Imagem 8 e 9** – Interação da população com o Varal de memórias



**Fonte:** acervo do projeto

A oficina realizada no Sarancine 2024 movimentou moradores e visitantes com as várias possibilidades de livre participação e fomentando um espaço para a troca de memórias e experiências vividas. O que mais pôde ser percebido foi a emoção e a satisfação dos moradores de ver as fotos expostas e se enxergar nestes espaços. A exposição foi apresentada à comunidade e será remontada pelos próprios moradores na Igreja de Sarandira, um dos principais lugares de Memória do distrito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências realizadas através das atividades no distrito de Sarandira propiciaram momentos de fruição e reflexão não apenas nos moradores e visitantes do lugar, mas também nos estudantes pesquisadores. Hoje entende-se que o Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira” tem contribuído para que a comunidade de Sarandira se reconheça e valorize.

Mais do que isso, percebe-se que a qualidade do espaço urbano e paisagístico do local sentida ao vivenciá-lo é fruto de sua preservação cotidiana no que tange à cultura e memória locais.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela comunidade com o esvaziamento e distanciamento do povoado, entende-se que existem elos muito fortes e que mesmo a autoestima da comunidade é reforçada nos momentos de vivências e de encontros, tanto os tradicionais, quanto os contemporâneos.

E a lição mais importante que permanece é de que essa identidade tão buscada no trabalho de pesquisa e que a torna, de certa forma, subjetiva e empírica, é fonte de aprendizado e de fortalecimento das percepções sobre as relações entre a memória e o espaço.

### **ABSTRACT**

*This article aims to report the research and data collection process for the preparation of the Affective Inventory in the District of Sarandira – MG, belonging to the Municipality of Juiz de Fora. The Affective Inventory starts from the observation and documentation of everything that the community identifies as important for its culture, identity and belonging, seeking to record through various activities the experiences observed there. To do this, the researcher needs to go into the field using tools such as listening and observation, seeking initial information from memory and oral history. To develop this work, an extension group was formed by teachers and graduates of the Architecture and Urbanism Course at Centro Universitário Academia who, since 2020, have been developing the Extension Project “Sarandirando: Affective Inventory, identity, memory and belonging in Sarandira – MG”. The main focus of the work in 2024 was bringing residents closer together and participating in community events, as well as recording these moments. The results presented at this stage lead to important conclusions about the identity and belonging relationships of the community with its place and the constant updating of memories.*

*Keywords: Memory. Identity. Belonging. Affective inventory. Oral history*

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO CARABINA CULTURAL. **Pré Levantamento Turístico de Sarandira. Sarandira Criativa - Plano de Desenvolvimento do Turismo de Sarandira.** Belo Horizonte, 2019.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética.** São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael Ciasca. **Memória, Identidade e Território - Mapas Afetivos Como Indicadores De Hábitos Culturais.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação / Nº 6, junho 2018.
- FOSCARINI NETO, P. **O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar;** tradução Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Educação Patrimonial: Inventários participativos: manual de aplicação** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.
- MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Verbete: Inventário. **Dicionário do Patrimônio Cultural.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/> Acessado em: 20/10/2020.
- NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 10,1993.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995).** São Paulo: Cosac Naify, 2a. ed. rev., 2013, p. 444 – 461.
- PINTO, João Pedro Lima. **Distrito de Sarandira em Juiz de Fora: do auge cafeeiro aos dias atuais.** Orientador: Pedro José de Oliveira Machado. 2022. 54f. Monografia

(Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, v. 2 n. 3: Memória. FGV: Rio de Janeiro, 1989. P. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, v. 5 n. 10. FGV: Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora**. Disponível em: <http://www.planodiretorparticipativo.pjf.mg.gov.br/>. Acessado em: 20/10/2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. 2a impressão, Editora Sulina – Editora UFRGS: Porto Alegre, 2011.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. **Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN, Agosto/2014.

SCIFONI, Simone. **Inventários Participativos como direito memória e ao patrimônio cultural**. Anais do V Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa. São Paulo: IEB/MAC/USP, 2017.

SOUZA, Milena Andreola *et al.* Sarandirando - Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – A “Caixa de Memórias”. **Revista Analecta. v. 7, n. 2**. Juiz de Fora: Centro Universitário Academia. 2021.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.